

Índice

Prefácio	11
Prólogo.....	17

PRIMEIRA PARTE

Apresentação do Médico Quântico

1. Nada a recear, o médico quântico acaba de chegar.....	23
2. A minha história: Como um físico quântico se intrometeu na área da saúde e da cura	33
3. A integração das filosofias.....	43
4. Níveis de doença e níveis de cura.....	55
5. Novo raciocínio paradigmático de alguns médicos contemporâneos.....	71
6. Mais sobre a Física Quântica e as suas dádivas à Medicina.....	76
7. O lugar da alopatia na Medicina Integral.....	94

SEGUNDA PARTE

Medicina do Corpo Vital

8. O corpo vital	109
9. O <i>Ayurveda</i> e a cura dos desequilíbrios da energia vital	118
10. Os desequilíbrios da energia vital e a sua cura na Medicina Tradicional Chinesa.....	139

11. A medicina dos chacras.....	153
12. A homeopatia é uma coisa a sério?	165

TERCEIRA PARTE
Medicina Mente/Corpo

13. A mente quântica, significado e medicina.....	179
14. A mente como assassina.....	188
15. A explicação quântica das técnicas da medicina mente/corpo...	213

QUARTA PARTE
O Caminho Curativo para a Inteligência Supramental

16. A cura quântica	227
17. A doença e a cura como oportunidades para despertar para a inteligência supramental.....	242
18. Guia de um físico quântico para a saúde e a cura.....	262
Epílogo – Corpo sem idade – mito ou ciência?	279
Bibliografia	287

Prefácio

Quando eu era um jovem médico interno em Boston – há quase quarenta anos –, um casal mais velho deu entrada no hospital. A mulher encontrava-se na fase terminal do cancro; o marido sofria de um problema respiratório muito menos grave. Eu via-os todos os dias e ficava impressionado com a proximidade deles. Ia ser muito difícil para o marido quando ela partisse. Os dias iam passando. Ela entrou num rápido declínio; o problema do marido, embora não constituísse risco de vida, resistia obstinadamente ao tratamento. Por fim, tive de lhe dar a notícia de que a sua mulher tinha morrido durante a noite. Ele assentiu com a cabeça, e só se podia imaginar a dor que escondia.

Esperava despedir-me dele dentro de poucos dias, mas algo de incrível aconteceu. O estado dele piorou, depressa passou a crítico e, passados três dias, estava morto. Perplexo, procurei o meu supervisor, que tinha décadas de experiência em cuidados hospitalares, que me disse:

«Não entende? Ele estava pronto para morrer. Seja como for, tinha de partir depois dela. Um cavalheiro espera sempre por uma senhora.»

Ainda o consigo ouvir dizer estas palavras, mas já não sou um jovem médico perplexo. A forma como as pessoas se relacionam com o seu corpo, onde se inclui o desconcertante território a que damos o nome de doença e bem-estar, continua a ser um mistério. Neste livro notável, Amit Goswami penetra neste mistério e fá-lo melhor do que qualquer outro autor antes ou depois. Todos nós lhe devíamos dar a devida atenção, porque a ligação mente/corpo tem muito de promissor. «Placebo», por exemplo, tornou-se uma palavra comum, mas o poder do efeito placebo ainda não foi devidamente aproveitado.

Num estudo, um grupo de doentes que sofria de náuseas crónicas graves foi tratado com um medicamento que, assim lhes foi dito, era um

agente para enjoos. Normalmente, num estudo com placebo, metade dos doentes seria selecionada aleatoriamente para receber o medicamento, enquanto a outra metade receberia um comprimido «falso». Como esperado, mais de 30% dos indivíduos que tomaram o comprimido falso afirmaram que as suas náuseas tinham diminuído. Só que este era um teste de placebo com uma diferença: em vez do típico comprimido de açúcar, foi-lhes administrado um emético, uma substância que provoca náuseas. Todavia, a «crença» dos testados era tão poderosa que, de alguma forma, reduziu os sintomas – ou, para sermos mais precisos, a mente deles reduziu a náusea na presença de uma substância que os devia ter feito vomitar.

O professor Goswami tem a ousadia suficiente para visar diretamente a origem do placebo, e todas as outras formas de tratamento mente/corpo, quando afirma que toda a realidade, incluindo o corpo humano, se baseia na consciência. Ao fazê-lo, juntou a sabedoria antiga à física mais inovadora.

Há dois mil anos, a filosofia do Vedanta afirmava que a existência material é uma ilusão, um sonho partilhado do qual é possível despertar, e que, quando o fazemos, percebemos que por trás da ilusão estava a consciência pura. Esta visão teve pouca influência no pensamento ocidental até à chegada dos grandes pioneiros quânticos, no início do século xx. Atualmente, os nomes deles são celebrados – Albert Einstein, Erwin Schrödinger, Wolfgang Pauli, Werner Heisenberg –, mas o que é muito menos conhecido é que quase todos eles se tornaram místicos. Tendo descoberto que o mundo material sólido se baseava em campos de energia invisíveis, e que esses campos advêm de um lugar exterior ao espaço e ao tempo, os pioneiros quânticos começaram a alertar o público para o facto de o mundo físico se encontrar em mudança sob os nossos pés, como areia movediça. Niels Bohr declarou: «Tudo aquilo a que chamamos real é feito de coisas que não podem ser consideradas reais.» No seu discurso de aceitação do Prémio Nobel em 1932, Heisenberg disse que o átomo «não tem propriedades físicas». Einstein postulou que tudo no universo estava a acontecer na mente de Deus.

Para aqueles de nós que vivem alheios à Física, é extremamente útil que alguém com uma mente tão aberta como Amit Goswami dê um passo em frente para levar esta revolução a sério, visto que, se o átomo não é físico, nem o universo nem o corpo humano o são. A Física convencional tem largamente ignorado esta ideia surpreendente, preferindo seguir o

conselho de um conhecido investigador: «Cala-te e faz os cálculos.» Goswami destaca-se como um pensador especulativo que não se cala. Neste seu novo livro, ele desenvolve a hipótese mais simples, porém mais profunda: se o corpo não é de todo uma coisa, até onde pode ir a medicina ao tratá-lo como algo diferente?

Mas o que poderá ser esse algo diferente? É aqui que dispormos de um especialista em Física Quântica se revela inestimável. Quando mergulhamos no mundo microscópico onde a matéria desaparece, no horizonte do espaço e do tempo quando ambos regressam ao estado de vácuo, ao vazio que é na verdade o seio da criação, a realidade não está prestes a desaparecer. Muito pelo contrário – como os antigos *rishis* védicos ensinavam, onde a criação é mais rica é na sua fonte, porque é lá que a consciência consiste em possibilidades infinitas. Se a mente pudesse manipular estas possibilidades, nós, seres humanos, ver-nos-íamos cocriadores do mundo físico que se projeta à nossa volta.

Mais especificamente, seríamos capazes de criar acontecimentos no corpo. Em vez de sermos vítimas de doenças e distúrbios, poderíamos regressar a um estado de equilíbrio saudável e de vitalidade. Quarenta anos após o início da revolução mente/corpo na medicina, não restam dúvidas de que existem ferramentas físicas para conectar a mente e o corpo. Uma verdadeira montanha de pesquisas sobre moléculas mensageiras revela que a mais ínfima atividade do cérebro é traduzida em substâncias químicas que transmitem essa mesma atividade a todas as células do corpo. Graças a centenas de milhares de receptores locais, presentes na membrana externa de cada célula, não temos dúvidas de que as qualidades anteriormente atribuídas apenas ao cérebro – incluindo a inteligência e a percepção consciente – são partilhadas com o resto do corpo.

Então, porque é que ficamos doentes quando é óbvio que o nosso cérebro, atuando como agente da mente, quer estar bem? Existem centenas de respostas, a maioria delas plausível. Talvez estejamos a sofrer de emoções tóxicas. Talvez tenhamos uma predisposição genética que a mente não consegue ignorar. O problema é que não existe uma teoria coerente que possa servir de base para explicar como a mente cura o corpo, ou é incapaz de o curar. Quando se trata de obter resultados, não existe nada de garantido no campo mente/corpo. Com efeito, as mais elogiadas abordagens da medicina alternativa raramente apresentam melhores resultados do que o efeito placebo.

O Médico Quântico responde com coragem e inteligência, bem como uma profunda sabedoria e conhecimento tanto do pensamento indiano antigo como da Física moderna, à necessidade de uma teoria abrangente da mente e do corpo. O professor Goswami elimina de imediato a sedução do materialismo.

A medicina convencional, refere Goswami acertadamente, é consistente na sua filosofia, a qual sustenta que o corpo é um objeto material que existe no mundo físico. Com base no materialismo, a medicina científica ocidental tem sido triunfantemente bem-sucedida na batalha contra muitas doenças. Os germes podem ser mortos com medicamentos; os corações danificados podem ser reparados com uma cirurgia de *bypass*. Mas por trás deste sucesso esconde-se o mistério não resolvido da mente, que o materialismo não consegue tocar.

Goswami afirma que um tipo mais subtil de materialismo, como o recurso a ervas medicinais ou a manipulação do *Chi* (o termo chinês para a força vital), nos levaria na direção errada. Nisto, apoio-o totalmente. Quer a medicina convencional e a sua principal aliada, a grande indústria farmacêutica, o queiram, quer não, o corpo humano é controlado pela mente. Em pelo menos quatro mil casos de remissão espontânea de um cancro, o desejo do doente de ficar bom resultou na cura, por vezes de um dia para o outro, sem a intervenção de medicamentos e cirurgias. Uma vez que, de uma maneira geral, os oncologistas continuam a ignorar estas curas notáveis, este livro pode preencher um vácuo que muito precisa de ser preenchido.

A razão pela qual um físico deve intervir é esta: quando um pensamento ativa uma molécula no cérebro, ele está na realidade a efetuar uma operação quântica. Uma molécula (por exemplo, de dopamina ou serotonina) surge do nada, e a combinação de milhões destas moléculas torna-se a réplica física de pensamentos, intenções, desejos, vontades, esperanças e sonhos. O que acabei de dizer é um facto literal. Se considerarmos alguém que sofra de transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), o tratamento padrão é um medicamento como o *Prozac*. Num eletroencefalograma, é possível observar a área do cérebro desequilibrada pelo TOC a começar a comportar-se de um modo mais normal. Todavia, ao mesmo tempo, se o doente não tomar um medicamento, mas procurar um psiquiatra, o facto de ele falar sobre o problema e identificar as raízes pessoais do TOC proporciona-lhe alívio. E, nestes casos, um eletroencefalograma revela que a mesma área do cérebro voltou ao normal.

No mínimo, o cérebro funciona sob um duplo controlo, reagindo a medicamentos e também a coisas imateriais como palavras. Mas devíamos ter admitido isto há muito tempo na medicina. O materialismo defende que a depressão, por exemplo, é o resultado de um desequilíbrio químico no cérebro, e os antidepressivos baseiam-se na suposição de que são necessários produtos químicos para corrigir outros produtos químicos (não importa que as pesquisas mais atualizadas revelem que o cérebro das pessoas deprimidas não é quimicamente desequilibrado segundo a forma sugerida pela teoria, e que os antidepressivos populares não corrigem esses mesmos desequilíbrios). O facto é que posso deixar uma pessoa deprimida simplesmente com o recurso a palavras. Posso dizer-lhe que perdeu o emprego ou que todo o dinheiro da sua conta bancária desapareceu. Este facto indiscutível leva-nos ao lugar que *O Médico Quântico* esclarece, o ponto de junção onde o mundo material se encontra sujeito a forças imateriais.

Deixo ao leitor a descoberta emocionante de que a consciência é a chave para o bem-estar. Cabe ao professor Goswami o mérito de ter eliminado a bruma intelectual que envolve conceitos mais exóticos como Prana, energia vital e as bases do *Ayurveda*. O que surge aqui é exatamente aquilo de que precisamos: uma filosofia coerente que derruba o muro entre a Física e a Metafísica. Num universo baseado na consciência, este muro nunca existiu.

Na altura em que eu era um jovem médico interno em Boston, noutra hospital, outro jovem médico interno cuidava de um moribundo. Os médicos habituam-se a contar com aquele momento entre a vida e a morte que é regido apenas por si mesmo. Este médico entrou no quarto no preciso momento em que o seu doente morria. Nesse instante, como se tivesse visto algo cintilar pelo canto do olho, presenciou algo ténue, semelhante a uma ondulação térmica a brilhar na autoestrada em pleno verão, a deixar o corpo do homem moribundo.

«Fiquei pasmo, mas sei o que vi», diria ele depois. «Era a alma dele. Eu vi uma alma deixar o corpo de alguém.»

Ele nunca esqueceu aquela experiência, que teve um efeito significativo na sua decisão de se tornar psiquiatra. Naquela altura, há quatro décadas, a Psiquiatria era o mais perto que alguém podia estar da explicação dos recônditos da psique. Agora, Amit Goswami levou-nos muito mais longe. O termo que ele prefere, Medicina Integral, tornou-se bastante popular. Mas, neste livro, a verdadeira vitória consiste na eliminação total do

dualismo mente/corpo. Este é o Santo Graal da medicina em geral: encontrar uma base que explique porque é que os medicamentos e a cirurgia funcionam, porque é que as ervas e a medicina «prática» funcionam, porque é que a homeopatia e a medicina energética funcionam – na verdade, porque é que tantas abordagens díspares podem levar a uma cura.

Conduzindo-nos através dos diversos níveis de energia que formam a hierarquia da criação, que também podem ser cartografados como os «corpos subteis» subjacentes ao corpo físico, *O Médico Quântico* elimina a necessidade de qualquer modalidade médica afirmar que é o único caminho verdadeiro. Esta arrogância pode ser dispensada. Também podemos descartar a oposição hostil que a medicina tradicional tantas vezes demonstrou perante a Medicina Integral, oposição esta em grande parte baseada na ignorância. O que este livro oferece é uma clareza total. Todos nós precisamos desesperadamente dela, pelo que tenho a esperança de que, em breve, os estudantes de medicina tenham de ler *O Médico Quântico* para obter a sua licenciatura. O conteúdo deste livro pode mudar o mundo da medicina, ou mesmo o mundo como um todo.

Deepak Chopra
Primavera de 2011

Prólogo

Permitam-me admitir logo à partida que escrevo este livro enquanto teórico, enquanto físico quântico que vê a medicina como uma amadurecida e oportuna área de aplicação para o novo paradigma da ciência baseado no primado da consciência. Como o leitor provavelmente sabe, esta nova ciência tem uma capacidade espetacular de integrar muitos campos díspares da atividade humana, até mesmo da ciência e da espiritualidade.

Se existe alguma área que precise de integração, é a da medicina. Se alguma área precisa de um paradigma integrativo que possa dar um sentido a todos os diferentes modelos de cura, esse campo é a medicina. Os pontos fracos do modelo médico convencional tornaram-se claros há já algum tempo. Os seus procedimentos são demasiado invasivos e têm demasiados efeitos secundários adversos. Não existe um modelo médico convencional para o tratamento da maioria das doenças crónicas e degenerativas (a teoria dos germes e a predisposição genética não são explicações adequadas para a maioria das doenças nesta categoria). Por último, mas não menos importante, a medicina convencional é dispendiosa.

Em contraste, existem tantos modelos de medicina alternativa baseados em tantas filosofias diferentes! Vou referir três. A medicina mente/corpo diz respeito à mente como agente que mata e que cura. A Medicina Chinesa postula a doença e a cura como o problema e a solução, respetivamente, do movimento de uma misteriosa energia chamada *chi*. A medicina indiana, *Ayurveda*, chama doença aos desequilíbrios dos misteriosos atributos que possuímos – os *doshas* – e vê a solução na correção desses desequilíbrios.

Que critérios usamos para escolher entre estes diferentes estilos de medicina? A medicina convencional, pelo menos, baseia-se numa filosofia

– realismo material (tudo é baseado na matéria que é a única realidade) –, pelo que os médicos convencionais podem consultar-se sem grandes mistérios filosóficos. Na medicina alternativa, esse luxo não existe.

Existe uma certa tentativa de definir uma «metafísica holística» como base para a medicina alternativa; baseia-se na ideia de que o todo é maior do que as partes. Mas esta filosofia sofre de um preconceito materialista fundamental: a mente e o *chi*, embora não redutíveis às suas partes, são, em última análise, materiais na sua origem; são concebidos como propriedades causais emergentes da matéria não redutíveis aos componentes. Em virtude deste preconceito materialista, este tipo de holismo não tem sido popular nem bem-sucedido.

Todavia, se tentarmos compreender a medicina alternativa com metafísica materialista, obteremos paradoxos. Além disso, existem muitos dados anómalos, os mais conhecidos sendo os que dizem respeito à cura espontânea; a cura de um cancro de um dia para o outro sem a intervenção de qualquer medicina é um exemplo de cura espontânea. Isto também não pode ser explicado pelo paradigma materialista da medicina. É necessária uma mudança de paradigma.

Felizmente, está a chegar ajuda vinda de uma direção inesperada. Há já algum tempo, um novo paradigma da Física, a Física Quântica, tem vindo a apontar a incompletude conceptual do realismo material – a metafísica favorecida pela medicina convencional. Em certa ocasião, o médico Andrew Weil chamou a um capítulo de um livro seu «Aquilo que os médicos podem aprender com os físicos». O que Weil refere aqui é a grande mudança de paradigma pela qual a Física está a passar há já algum tempo. Recentemente, esta mudança de paradigma conheceu uma nova viragem, e começa a tornar-se óbvio que a nova Física não só é importante para a Física e a Química tradicionais, como a sua mensagem também deve ser incorporada nas ciências biológicas.

Isto levanta a questão: A nova física é capaz de integrar os modelos díspares da medicina convencional e alternativa? Neste livro, mostro que a resposta é afirmativa.

Nos meus livros anteriores, pensando como físico quântico, desenvolvi uma nova maneira de fazer ciência à qual chamo *ciência dentro da consciência*. É uma ciência baseada no primado da consciência; a consciência é postulada como a base de todo o ser; e todos os paradoxos quânticos de que ouvimos falar são resolvidos quando a Física Quântica é formulada dentro desta metafísica. Entretanto, outros investigadores têm estado ocupados

a estabelecer a necessidade de domínios de experiência extrafísicos. Roger Penrose revelou que os computadores não são capazes de simular a única característica que define a mente – o significado. Como tal, a mente tem de ser extrafísica, tem de ser independente do cérebro. Rupert Sheldrake postulou campos morfogenéticos extrafísicos para explicar a morfogénese na Biologia. Eu próprio demonstrei que um estudo adequado dos dados da criatividade indica claramente a existência de um outro corpo extrafísico, denominado intelecto supramental.¹ O psicólogo Carl Jung teorizou que este domínio seria o da nossa intuição.

Neste livro, mostro que quando a medicina se baseia no primado da consciência, tendo em conta todos estes «corpos» da consciência (campos morfogenéticos, mente e supramental, além do físico), tanto a medicina convencional como a alternativa podem ser formuladas no seu nicho apropriado e muito mais. Quando usamos a Física Quântica como base da nossa formulação da medicina, o velho argumento do «dualismo» – apresentado pela medicina convencional contra a validade da postulação de corpos mentais e de outros corpos não-físicos nas nossas teorias – deixa de ser válido.

O novo paradigma da medicina, ao qual chamo Medicina Integral, mostra claramente como funciona a cura mente/corpo, como funcionam os sistemas médicos da China e da Índia, como funciona a homeopatia. A Medicina Integral também nos apresenta sugestões gerais quanto ao modo de usar todas estas práticas de cura, medicina convencional incluída, juntas, conforme necessário.

De que modo é que a Medicina Integral aqui apresentada é diferente da medicina integrativa que muitos outros autores exploram? Podemos pensar na Medicina Integral como uma medicina integrativa porque o objetivo de ambas é o mesmo. Todavia, os modelos de medicina integrativa existentes usam aquilo a que se chama uma abordagem segundo a «teoria dos sistemas» para unir modelos díspares. A Medicina Integral faz esta união com base na integração da metafísica subjacente a todos os modelos de medicina, incluindo a alopatia convencional. Esta é uma abordagem muito nova. Esta é uma conquista muito nova. Esta pode ser uma base legítima para uma mudança de paradigma na medicina.

¹ O autor utiliza este adjetivo ao longo do livro com o sentido que lhe foi atribuído por Sri Aurobindo e, obviamente, não como o termo médico que define a área do rosto compreendida entre o queixo e o lábio inferior. (*N. do T.*)

Mesmo no seio da profissão médica, alguns médicos, destacando-se entre eles Andrew Weil, Deepak Chopra (que nos deu a maravilhosa expressão «cura quântica») e Larry Dossey, já estão a explorar os aspetos quânticos da cura. Este livro também integra todo este trabalho inicial.

Discuto teoria, discuto novos dados, explico conceitos, métodos e técnicas da medicina alternativa e explico a cura espontânea. Até discuto a componente espiritual da cura. Discuto o problema da morte e do morrer segundo esta nova perspectiva, e discuto a imortalidade, ou aquilo a que chamo corpo sem idade. Mas, acima de tudo, dou ao leitor uma noção do que *significa* doença, do que significa cura e de como podemos ser inteligentes a respeito da doença e da cura. Acima de tudo, este livro pretende ajudá-lo a si, caro leitor, a encontrar sentido na literatura díspar da medicina – convencional e alternativa – e a encontrar o caminho para uma saúde positiva.

Agradeço a Uma, minha mulher, por ser a inspiração para este livro e por ter contribuído para ele de muitas formas intangíveis e tangíveis. Agradeço ao meu editor, Richard Leviton, por me ter pedido que escrevesse este livro e por me dar um excelente *feedback*, e à equipa da Hampton Roads por um excelente trabalho de produção. Por fim, agradeço a todos os profissionais de cura que têm sido sempre uma constante fonte de incentivo e inspiração para mim.

PRIMEIRA PARTE

Apresentação do Médico Quântico

1

NADA A RECEAR, O MÉDICO QUÂNTICO ACABA DE CHEGAR

O que é um médico quântico? Um médico quântico é um praticante de medicina que está a par das falácias da cosmovisão determinista que se baseia na física newtoniana clássica, a qual foi há muitas décadas descartada na Física. Um médico quântico tem como fundamento a cosmovisão da nova física, também chamada de Física Quântica. E há mais. Os médicos quânticos dão vida à mensagem da Física Quântica na sua prática da medicina.

O leitor poderá pensar: Que diferença faz uma cosmovisão na prática da medicina? Em contraste com a cosmovisão da Física clássica, na qual o mundo é visto como uma máquina mecânica e determinada, não podemos sequer dar um sentido para a Física Quântica se não a fundamentarmos no primado da consciência: a consciência vem primeiro; é a base de todo o ser. Tudo o mais, incluindo a matéria, é uma possibilidade da consciência. E a consciência escolhe entre estas possibilidades todos os acontecimentos que vivenciamos.

O leitor *percebe* agora? Os médicos da velha ala dos aficionados da Física clássica praticam uma *medicina mecânica*, concebida para máquinas (é assim que o doente é visto na cosmovisão clássica) e por máquinas (os médicos que são máquinas autoproclamadas). E o leitor não tenha ilusões: a medicina que o doente recebe, a medicina alopática, também é de natureza mecânica, com drogas químicas, cirurgia mecânica ou transplante de órgãos e radiação energética. Um médico quântico, por outro lado, pratica uma medicina consciente concebida para pessoas, não para máquinas. O que a medicina consciente prescreve inclui o mecânico, mas estende-se também aos domínios da vitalidade e do significado, até mesmo do amor. E aquilo que é mais importante, enquanto profissional de uma medicina consciente, os médicos quânticos trazem a consciência para a sua prática.